

A FOLHA

NOVA IGUAÇU, 16 DE NOVEMBRO DE 1975

NÃO DIGA ALGEMAS, DIGA SALÁRIO MÍNIMO

— Coisa que não entendo é essa daí: como é que o Rio explode com tanto progresso e a Baixada Fluminense é um monte de miséria!

— Dizem que os pobres se acomodam. Que não querem nada. Que não têm aspirações. Que não tomam iniciativas. Que não têm garra. Que não querem compromissos.

— Muitos deles vêm do interior, onde reinava o regime das fazendas: os senhores que mandam e lucram e os trabalhadores que obedecem e vegetam. Muitos deles, particularmente as pessoas de cor, são descendentes de escravos. Não foram treinados para a liberdade responsável, nem para a autonomia nem para a criatividade, nem para algum objetivo de vida.

— E o que você pensa disto?

— Há dias, fui ao Rio pra ver uma peça teatral de Brecht: "O que mantém um homem vivo". Aí ele dizia:

"Vejo bem esse sistema, que a gente aliás conhece há muito, de fora, mas cujo mecanismo ainda é ignorado. Alguns — poucos — estão sentados no alto e um grande número embaixo. E os de cima gritam: "Subam, pra que fique todo mundo no alto!" Mas olhando de mais perto, a gente percebe alguma coisa de obscuro que parece um caminho. Na verdade é uma prancha, e se vê nitidamente que se trata de uma gangorra. Todo o sistema é um jogo de balanço, cujas extremidades dependem uma da outra. E estes só estão em cima porque os outros estão todos embaixo e enquanto eles permanecerem aí. Porque se eles saíssem do seu lugar e comessem a subir os primeiros também teriam que sair do seu lugar. De forma que é fatal que eles desejem que os outros, por toda a eternidade, fiquem embaixo sem poder subir. E é necessário também que os de baixo sejam mais numerosos ou a prancha vacilaria, já que é uma gangorra".

— Que coincidência! McNamara, não faz tempo, falou que 20% da população atual consome 80% do que se produz, e 80% da população tem que se contentar com 20% da produção total. É o desequilíbrio da gangorra. O contraste entre o Rio e a Baixada Fluminense é uma *miniatura da situação mundial*.

— Penso que ficamos sempre nos sintomas — a miséria, o anal-

fabetismo, o desemprego, a mortalidade infantil, etc. — e não vamos à raiz da questão: por que tudo isso?

— De fato, não é mais possível considerar o contraste entre ricos e pobres como algo tão natural e inevitável como o dia e a noite. Todos nós sabemos que o homem pode perfeitamente solucionar esse problema, assim como hoje é capaz de conter o curso dos rios, pisar na lua e dar volta ao mundo em poucas horas — o que soaria como fábula para os nossos avós. E por que, em certos países, a miséria se expande entre amplas camadas da população, enquanto uma pequena parcela detém nas mãos a riqueza?

— O trabalhador é um homem que, desprovido de qualquer instrumento de produção, sem condições de produzir qualquer coisa por conta própria, a única coisa que ele tem para vender é a sua força de trabalho. O industrial compra essa mercadoria (a força de trabalho) e paga por ela o suficiente para que ela possa renovar-se a cada dia e reproduzir-se (gerar novas forças de trabalho): o salário mínimo. Esse salário corresponde ao mínimo necessário à alimentação, moradia e vestuário do trabalhador, de modo que diariamente ele possa voltar à fábrica para produzir.

— Bem, ocorre que em duas ou três horas de trabalho diário o trabalhador produz o equivalente ao que recebe. Mas ele trabalha no mínimo 8 horas por dia. Portanto, as 5 horas restantes ele trabalha de graça para o industrial. O industrial absorve inteiramente o produto desse trabalho excedente, donde extrai sua maior parte de lucro, e assim faz o seu progresso assustador.

— E esse sistema é tanto mais cruel quanto mais é capaz de nos convencer — através da TV, do rádio, dos jornais, da cultura vigente — que essa é a mais justa organização do mundo e por isso devemos querer preservá-la e ter paciência, pois as desigualdades sociais serão, com o tempo, devidamente solucionadas.

— Realmente, onde os poucos se tornam cada vez mais podres de ricos à custa da maioria cada vez mais podre de pobre, seria justo falar de algemas.

— Mas não diga algemas. Diga salário mínimo.

CATABIS & CATACRESES

QUASE O MUNDO VEIO ABAIXO, MADAME FRATUROU UM DENTINHO

1. Outro dia a madame sofreu o penoso contratempo: quando deglutia um big pistache em senhorial mansão, aí! sucedeu-lhe o dito imprevisível contratempo de quebrar, melhor: de fraturar um ilustre dentinho.

2. E daí? Imagina, leitor dentado ou desdentado, o corre-corre, a angústia, o coletivo sofrimento, tudo empês de um odontólogo, uma vez que o big pistache era deglutido num fim de semana. Soam telefones, telefones ressoam a terrível problemática do fim de semana altamente social.

3. É que em fim de semana cessa o trabalho e cerram portas todos os gabinetes dentários, como o leitor justamente supõe. E sobretudo nas caladas da noite, que é quando se come pistache, né, brasilino?

4. Dente de quem? O telefone responde angustiante que é o dentinho da madame, sim, alô, da madame, sim, um dente altamente cotado nas altas rodas. Daí por que o notável e global colunista não deixa de acrescentar o óbvio evidente, a saber que "o dentista, procurado a horas tardias, só atendeu porque a cliente era quem era". Também!

5. Não, não invento, leitor pasmado. A Folha não inventa nada. Catabis & Catacreses nada inventam. Apenas referimos. Apenas lamentamos a importância de certos dentinhos altamente situados.

6. Demos marcha à ré: não lamentamos, não lamentemos. Apenas verificamos e verifiquemos a multidão de banguelinhos que povoam nossas escolas públicas de dia e de noite. Dentinhos sem cotação, quá, quá, quá!

1. CANTO DE ENTRADA

(Missa dos Bem-aventurados - Miria Kolling - Cassete no Centro de Formação)

1. A vida, pra quem acredita, não é passagem ilusão / E a morte se torna bendita, porque é nossa libertação.

Estribilho:

Nós cremos na vida eterna e na feliz ressurreição / Quando de volta à casa paterna com o Pai os filhos se encontrarão.
2. No céu não haverá tristeza, doença, nem sombra de dor / E o prêmio da fé é a certeza de viver feliz com o Senhor.
3. O Cristo será, neste dia, a Luz que há de em todos brilhar / A Ele imortal melodia os eleitos não de entoar.

2. ACOLHIDA E RECONCILIAÇÃO

P. — Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

T. — Amém.

P. — A graça de N. S. Jesus Cristo, o amor do Pai e a comunhão do Espírito Santo estejam convosco!

T. — Bendito seja Deus que nos reuniu no amor de Cristo!

L. — Com o nascimento, herdamos qualidades e capacidades. Comparadas ao dinheiro, podemos perdê-las, mantê-las ou desenvolvê-las. Como o dinheiro, podem ser para nós graça ou desgraça. Depende do que fazemos e como as utilizamos. Pelo trabalho, construímos nossa felicidade ou nossa infelicidade. A felicidade não depende apenas da quantidade de riqueza, mas da justiça do ganho e dos gastos.

Pelo propósito de devolver todo ganho injusto, Senhor, nós vos pedimos:

T. — Perdoai nossa desonestidade!

L. — Pelo trabalho feito de má vontade, com atraso e displicência, Senhor, nós vos pedimos:

T. — Perdoai nossa desonestidade!

L. — Pelo salário injusto com que exploramos nossos empregados e funcionários, Senhor, nós vos pedimos:

T. — Perdoai nossa desonestidade!

L. — Pelo dinheiro esbanjado à toa, privando o pão dos filhos, o bem-estar de nossa casa, a saúde de tantos desamparados, a roupa de tantos velhinhos, Senhor, nós vos pedimos:

T. — Perdoai nossa desonestidade!

P. — Deus todo-poderoso, compadecei-vos de nós, perdoai os nossos pecados e conduzi-nos à vida eterna.

T. — Amém.

3. PROCLAMAÇÃO DOS LOUVORES DE DEUS

Nós vos louvamos, Senhor, / porque aos homens confiastes o domínio da terra / e todas as suas criaturas. / O trabalho de nossas mãos / continua a obra criadora; dominamos a terra quando trabalhamos como gente / com amor fraterno. Glória ao Senhor / pelo trabalho na rua e no asfalto / no escritório e no campo / no hospital e no colégio / no lar e na sociedade. / Graças, Senhor / pois sabemos que tudo é vosso / a terra, a lua e as estrelas. / Graças pelo trabalho que sustenta nossos corpos / promove o desenvolvimento do homem todo / e de todos os homens / e faz de todos nós irmãos. Amém.

4. ORAÇÃO

Senhor nosso Deus / que este encontro com Cristo na oração, / na comunidade, em vossa Palavra e na Eucaristia / nos faça construtores de um mundo que sirva de lar para todos.

5. I LEITURA

(Prov 31,10ss): Uma mulher dedicada é superior ao valor das pedras preciosas. Confia nela o coração de seu marido e jamais lhe faltará coisa alguma. Ela pratica o bem e nunca o mal, em todos os dias de sua vida. Trabalha com alegria, é semelhante ao navio mercador, providencia os alimentos. Levanta-se ainda de noite, distribui comida à sua casa e a tarefa aos familiares. Confia em si mesma e revigora seus braços. Alegra-se com seu lucro e nada lhe falta em casa. Estende a mão ao infeliz e mendigo. Seu marido é considerado na roda da sociedade e seus filhos a proclamam bem-aventurada e seu marido tem-na por esposa feliz». — Palavra do Senhor!

6. II LEITURA

(1Tes 5,1-6): «Não preciso escrever a vocês, irmãos, a respeito das datas e dos tempos em que virá o Senhor. Porque já sabem muito bem que o Dia do Senhor virá como um ladrão de noite. Quando o povo começar a dizer: «Está tudo calmo e seguro», então a revolução transformadora virá sobre os desprevidos. Mas vocês, irmãos, não estão na escuridão, e o Dia do Senhor não deve pegá-los de surpresa como um ladrão. Todos vocês são da luz e do dia e estarão vigilantes. Deus não nos escolheu para sofrermos o seu castigo, mas para termos a salvação por meio de nosso Senhor Jesus Cristo». — Palavra do Senhor.

7. CANTO DE MEDITAÇÃO

Estribilho

A certeza que vive em mim é que um dia verei a Deus / Contemplá-lo co'os olhos meus é a felicidade sem fim.

1. O sentido de todo viver eu encontro na fé e no amor / Cada passo que eu der será buscando o meu Senhor.

2. Peregrinos nós somos aqui, construindo morada no céu / Quando Deus chamar a si quem foi na terra amigo seu.

8. III LEITURA

Evangelho de Jesus Cristo segundo Mateus (25,14-30): «O Reino dos céus será como um homem que ia

fazer uma viagem. Chamou seus empregados e os pôs para tomar conta de sua propriedade. E lhes deu dinheiro de acordo com a capacidade de cada um: ao primeiro deu cinco mil cruzeiros; ao outro, dois mil e ao terceiro, mil. Então foi viajar. O empregado que tinha recebido cinco mil cruzeiros empregou seu dinheiro e conseguiu outros cinco mil. Do mesmo modo, o que recebeu dois mil cruzeiros fez render outros dois mil. Mas o que recebera mil saiu, cavou a terra e escondeu o dinheiro recebido do patrão. De volta da viagem, o patrão acertou as contas com os empregados. O empregado que tinha recebido cinco mil cruzeiros entregou a renda de mais cinco mil. O patrão, ao recebê-los, falou: «Muito bem, empregado bom e fiel, você foi fiel na administração de pouco dinheiro, por isso vou pôr você para administrar muito mais. Venha se alegrar em minha companhia». Então o empregado que havia recebido dois mil cruzeiros disse: «O senhor me deu dois mil cruzeiros. Olhe, consegui ganhar mais dois mil». «Muito bem, empregado bom e fiel» — disse o patrão — «você foi fiel na administração de pouca quantidade, por isso vou colocá-lo para administrar muito. Venha também alegrar-se em minha companhia». Finalmente, apareceu o empregado que havia recebido apenas mil cruzeiros. Chegou e disse: «Eu sei que o senhor é homem duro: colhe onde não plantou e junta onde não semeou. Fiquei com medo e por isso escondi o dinheiro na terra. Toma tudo de volta». «Empregado mau e preguiçoso» — respondeu o patrão — «você sabia que colho onde não plantei nem semei. Por isso você devia ter feito render e, quando eu voltasse, o receberia com lucros. Agora tirem o dinheiro dele e dêem ao que tem dez mil. Porque quem tem muito por seu esforço, receberá mais ainda. Mas quem tem pouco por displicência, até o pouco lhe será tirado. Quanto ao empregado inútil, expulsem-no para longe; ali ele vai chorar e ranger os dentes». — Palavra da Salvação.

9. PROFISSÃO DE FÉ

T. — Cremos em Deus nosso Pai, / em Jesus Cristo nosso irmão, / no Espírito Santo que nos une em Comunidade. / Cremos em Maria / mãe de Jesus Cristo e nossa mãe; / na Igreja, continuadora da libertação. / Cremos na ressurreição

de todos os homens / como vocação da humanidade. / Cremos na comum-união de todos / que constroem aqui na terra / os merecimentos e condições para o céu. Amém.

10. PRECES DA COMUNIDADE

1. Para agradecer a Deus os dons e capacidades que temos recebido ao nascer e desenvolvemos pela educação e experiência da vida, rezemos ao Senhor.
2. Para agradecer o salário, ainda que mínimo e injusto, mas que mata a fome de nosso corpo, rezemos ao Senhor.
3. Para agradecer a capacidade de trabalhar, que nos faz construtores de um mundo mais justo e humano, rezemos ao Senhor.
4. Para que Deus nos dê ânimo e amor para levar nosso trabalho com dedicação, para que haja melhor entrosamento entre empregados e empregadores, rezemos ao Senhor.

11. CANTO DE OFERTÓRIO

Estrilho:

Os olhos jamais contemplaram, ninguém pode explicar, / O que Deus tem preparado àquele que em vida o amar.

1. As lutas, a dor e o sofrer, tão próprios à vida do ser / Ninguém poderá comparar com a glória sem fim do céu.
2. Foi Cristo quem nos mereceu, co'a morte, a vida e o céu / E ainda se entrega por nós, como oferta constante ao Pai.

12. ORAÇÃO DAS OFERTAS

Recebei, Senhor / com este pão e vinho / a preocupação de patrões e operários /

de jovens que procuram trabalho / de pais aflitos com a dureza do ganha-pão / e fazei que esta celebração / nos incentive a fazer crescer nosso ganho / para que se transforme em meio de nos realizar / como humanos e cristãos.

13. CANTO DE COMUNHÃO

Estrilho:

Todo aquele que crê em mim um dia resurgirá / E comigo, então, se assentará à mesa do banquete de meu Pai.

1. Aos justos, reunidos neste dia, o Cristo então dirá: / "Oh! venham gozar as alegrias que meu Pai lhes preparou!"
2. A fome muitas vezes me abateu, fraqueza eu senti. / Vocês, dando o pão que era seu, mais ganharam para si.
3. E quando eu pedi um copo d'água, me deram com amor, / E mais, consolaram minha mágoa ao me verem sofredor.
4. Eu lembro que também estive preso: terrível solidão!... / Vocês aliviaram este peso com a sua compreensão.
5. O frio me castigava sem piedade, não tinha o que vestir: / Num gesto de amor e de bondade, vocês foram me acudir.
6. Amigos, esta fé é a verdadeira, que leva para o céu / Aquele que Deus a vida inteira no irmão sempre acolheu.

14. AÇÃO DE GRAÇAS

Senhor, / estavam em volta de ti cinco mil homens, / cansados e esfomeados, / e lhes deste pão e peixe. / Senhor, / há agora em torno de ti / mais de um bilhão de esfomeados e maltrapilhos / e não sabemos como socorrê-los! / Nosso próximo mais próximo / é toda a humanidade sofredora. / O Ocidente acostumou-se a viver como senhor: / É preciso que haja vilões e que haja nobres / que haja operários e que haja patrões / que haja famintos e pessoas fartas. / Senhor, eu rezo angustiado / por esses infelizes plantadores de café e de arroz / pelos que trabalham nas minas / pelos carregadores anô-

nimos e estivadores dos portos. / Rezo também por aqueles / que não exploramos diretamente / pelos que morrem de fome / ou se arrastam na miséria / de baixo de viadutos e elevados / recebendo de nós apenas um olhar de piedade. / Fazei que não amemos somente com palavras. / Que fizemos para eles se tornarem mais homens? / Senhor, despertai as consciências / dos que se julgam civilizados. Amém.

15. CANTO FINAL

1. Felizes os que vivem a pobreza, buscando em Deus a fonte dos seus bens / Quem chora e sente fome, à sua mesa, do pão e da Palavra lá dos céus.

Estrilho:

Pois terão o seu lugar no céu e para sempre eles verão a Deus!

2. Felizes os que sofrem injustiça, por causa da Palavra do Senhor; / E todos os que forem perseguidos por construir o reino de amor.
3. Felizes os que têm misericórdia e fazem só o bem a seu irmão / E aqueles que semeiam no caminho o amor e a paz em cada coração.
4. Felizes os que amam a Verdade, e têm os olhos claros como a luz / Aquele que de Deus faz a vontade, levando com amor a sua cruz!

LEITURAS PARA A SEMANA:

Segunda-feira: 1Mac 1,11-16.43-45.57.60.65.67; Lc 18,35-43 / Terça-feira: At 28,11-16.30-31; Mt 14,22-23 / Quarta-feira: 2Mac 7,1.20-31; Lc 19,11-28 / Quinta-feira: 1Mac 2,15-29; Lc 19,41-44 / Sexta-feira: 1Mac 4,36-37.52-59; Lc 19,45-48 / Sábado: 1Mac 6,1-13; Lc 20,27-40.

O MEDO DE ASSUMIR A VIDA SE FANTASIA DE SUPERSTIÇÕES

"Na Inglaterra, o indivíduo Alex Sanders celebra regularmente nos porões de sua casa, em Londres, um culto a Lúcifer, para o qual conta com a adesão de muitos jovens despidos, que vivem em 600 "comunidades diabólicas" — seja isso lá o que for. Dois meses atrás, um desses fiéis, após cerimônia na igreja anglicana do povoado de Gawber, na qual um pastor metodista o teria livrado de 40 demônios, foi para casa e arrancou os olhos e a língua de sua mulher. Nu e manchado de sangue, saiu à rua; preso, o tribunal o absolveu por "conturbação mental".

Na Alemanha Federal, pesquisa com 469 alunos de uma escola profissional revelou que apenas 55% crêem, com certeza, que "bruxos não existem"; pesquisa semelhante realizada em 1951 revelara 99% de certeza. Há dois meses, em Frankfurt, um vendedor de bilhetes de loteria celebrou com um amigo uma "missa do diabo", com os resultados que se poderia prever em idéias desse tipo: o amigo morreu ao beber ervas maceradas com inseticida, que fazia parte da cerimônia; e sobre a toalha de uma mesa lia-se a frase: "Sirvo ao Diabo".

Em Aracaju, o Professor Howarth, pseudônimo de José Luis da Silva, cearense de 33 anos, chegou à cidade com pouco dinheiro no bolso e sem profissão definida... Hoje, Silva-Howarth vende velas da *Corrente Espiritual*, feitas de cera de abelha, parafina, gás, lama de Atalaia e banhadas em petróleo, de 10 centímetros a 2 metros de altura, de 120 a 1.400 cruzeiros. A "firma" vende mensalmente perto de 1.300 velas CE, espalhadas em todo o nordeste por 6 vendedores em tem-

po integral. "Recomendadas pelos orixás, as Velas CE curam males do espírito e sistema nervoso, resolvem problemas de saúde, dinheiro e amor".

Também no sul do país, Curitiba ameaça tornar-se "a cidade do encantamento espiritual", segundo a seita Movimento Gnóstico Cristão Universal. Sobre Curitiba estaria incidindo um cone de luzes resplandcentes, nas cores azul, amarelo e vermelho, simbolizando 3 figuras do astral, explica o sacerdote Valentim, ex-contador de 42 anos. Valentim afirma: "Com nossos irmãos da sombra temos grandes lutas no astral". E dá a receita para vencer um bruxo: "Usam-se 3 tesouras abertas nos cantos da sala; espalham-se sementes de mostarda no chão. Já cansei de pegar magos negros assim". Conforme esses gnósticos, cada pessoa tem o direito de viver 3.000 ciclos de 108 anos, com 324.000 reencarnações" (Dados de "Veja", 3/9/1975).

Agora algumas opiniões sobre fatos semelhantes: "Ano após ano, gigantesca onda de irracionalismo vem rolando num mundo cada vez mais carente de idéias úteis" (revista "Veja"). "A maior parte das pessoas que se dedicam ao oculto nada mais fazem que seguir uma moda ou comercializar esperanças e frustrações dos crentes" (uma socióloga). "Tudo que ofereça ao ser humano uma saída de assumir responsabilidade pela própria existência sempre terá adeptos e fanáticos" (Paulo Francis). "As práticas supersticiosas conduzem ao fatalismo e, com ele, à renúncia de uma ação construtiva" (Cardeal de Bogotá, ao tempo do famigerado Congresso de Bruxaria).

IMAGEM ITALIANA

1. Por que partiram? Para que eu nascesse brasileiro, eu que poderia ter nascido italiano? Não sei, nunca saberei. Mas ao certo sei que partiram, cem anos faz, os Politos de meu Pai e os Mandarinos de minha Mãe, humildes aldeões de Villammare e Vibonati, de Capitella e Sapri, para descobrir a América. Emulos de Colombo e de Vespúcio? Eternos andarilhos? Insofridos conquistadores? Pacíficos mensageiros de arte e cultura? Tudo e mais, deixaram a natal província de Salerno e o aconchegante azul golfo de Policastro.

2. E se aventuraram e se ariscaram e se jogaram ao mar e ao mundo, para as duvidosas procuras de felicidade. Ali as pobres aldeias imprensadas, entre os Apeninos e o mar Tirreno. Apenas as magras colheitas de vinho e de azeite. Apenas o ramerrão cinzento de dias cinzentos que nada mudaram com a unidade italiana. Na América o sonho. No Brasil a esperança. Cheios de sonhos e de esperanças vieram Francesco e Domenico, Vincenzo e Genaro. E também Antônio e Mafalda, Raffaella e Isabella. E mais e mais. Muitos mais.

3. Vieram e chegaram. Rio Grande? Santa Catarina? São Paulo? Não, não: desgarraram-se das levas sulinas e preferiram Sergipe. Quem sabe onde fica Sergipe? Eles souberam. Vieram e ficaram. E lá se multiplicaram. E lá cresceram nem tanto. E lá, num longínquo 1917, uniram-se um Polito — meu Pai — e uma Mandarina — minha Mãe —, para me darem da sensibilidade de Itália no Brasil plantada tudo aquilo que sou e tudo aquilo que somos. O dolce bella Itália que nunca pediste nada em troca de tua generosidade! (A. H.).

QUESTÕES ATUAIS

Liturgia na Igreja

Um fenômeno histórico: reação a qualquer mudança — Por que renovar? — Renovação, princípio fundamental do cristianismo — Lição de S. Paulo — Batismo, início do processo de renovação — Renovação da Igreja e da Liturgia — O que muda e o que não muda.

A FOLHA:

Certos grupos, no Brasil e no estrangeiro, se opõem radicalmente à renovação litúrgica, chegando mesmo a considerar herética a nova liturgia da missa. Que está por detrás dessa oposição?

D. ADRIANO:

A história da Igreja sempre conheceu este fenômeno de reação por vezes fanática a qualquer tentativa, ainda moderada, de renovação. Na Igreja, que é uma instituição enraizada profundamente na humanidade, acontecem as virtudes e as fraquezas do homem. Devemos ter isto presente, para compreendermos melhor o mistério da salvação que Cristo nos trouxe.

Pois bem: era de esperar que a renovação iniciada na Igreja pelo Papa João XXIII e pelo Concílio Vaticano II boloria com muita gente, despertaria muitas reações, seria pretexto inclusive para separações da unidade. Apesar disto a renovação foi iniciada e está sendo levada adiante.

Por que renovar? por que mudar? perguntam os descontentes e perguntam os surpresos. Lembro S. Paulo, para quem a renovação é um princípio básico do mistério da Igreja: "Nele (em Cristo) vocês foram ensinados, segundo a verdade que está em Jesus, a se despojarem do homem velho — o da vida passada que se corrompe pelos desejos da sensualidade — e a se renovarem no espírito de seu entendimento e a vestirem o homem novo, o homem criado à imagem de Deus, em justiça e em santidade da verdade" (Ef 4,21-24).

Fundamento desta novidade de vida, desta renovação profunda e contínua de nós mesmos, deste processo existencial de renascimento é o mistério da ressurreição de Jesus Cristo, como lembra o mesmo S. Paulo: "Com ele (Cristo) fomos sepultados pelo batismo para a morte para, como Cristo que ressuscitou dos mortos pela glória do Pai, poderemos nós viver uma vida nova" (Rom 6,4). Ou ainda: "Se alguém está em Cristo, é uma nova criatura: passou o que era velho, tudo se renovou" (2Cor 5,17). São inúmeros os textos de S. Paulo e do Novo Testamento que colocam a renovação como dado fundamental da existência cristã.

Esta renovação começa no batismo. Renovação que é nascimento novo. Renovação que é vida nova. Renovação que é conversão e mudança de mentalidade. Renovação que é vontade generosa de revisar a própria vida para acertar melhor. Sim, começa no batismo mas se estende pela vida

inteira, como processo de crescimento, até podermos atingir a medida plena de Jesus Cristo (Ef 4,13), até podermos dizer com S. Paulo: "Eu não vivo mais, é Cristo que vive em mim" (Gál 2,20).

Evidentemente esta renovação contínua de cada um de nós, desde o papa e os bispos até o mais anônimo dos cristãos, ultrapassa os limites da pessoa que se converte ao evangelho: tem de atingir a instituição como tal, os sinais, as expressões, as estruturas e as infra-estruturas, de tal sorte que, como ideal a atingir, se possa dizer: a Igreja, além de proclamar, deve ser a proclamação do amor de Deus aos homens. A diferença é importante e mereceria reflexão.

Aqui se encaixa a renovação litúrgica, como esforço da Igreja para se renovar e para ser a proclamação do Cristo. Expliquemos:

Na S. Missa, como era celebrada antes da última reforma litúrgica, o padre usava o latim, como língua litúrgica; executava umas oitocentas cerimônias diferentes; repetia sucessivamente genuflexões, saudações e cruzeiros; mal se comunicava com os fiéis. Na pregação, era praxe a citação dos textos bíblicos em latim, seguindo a tradução portuguesa.

Agora, em consequência de uma reflexão mais profunda e também — confessemos — lenta, dolorosa, a Liturgia eucarística passou a ser desempenhada em vernáculo, simplificaram-se as cerimônias, com a finalidade de ressaltar o mistério central da redenção de Cristo, o celebrante se integrou mais na comunidade eclesial, os sinais e as expressões (a começar da língua) se tornaram muito mais claros e transparentes. Deus não perdeu nada, ele que não precisa de língua nem de sinais. Nós ganhamos, nós que precisamos de sinais compreensíveis para entender o que Deus nos fala por seu Cristo e por sua Igreja.

A FOLHA

Ano 3 - 16 de novembro de 1975
Nº 182

Publicação Litúrgica sem fins lucrativos da
Mitra Diocesana de Nova Iguaçu.

Mitra Diocesana de Nova Iguaçu.
Rua Mal. Floriano Peixoto, 2262.
Caixa Postal 22.
26.000 Nova Iguaçu, RJ.

Utilidade Pública — Lei 6.311 de 25 de
setembro de 1970.

Composto e impresso nas oficinas gráficas
da Editora VOZES Limitada. Petrópolis, RJ.